

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal de Brasília*

Class.: Eco 92 24

Data: 24 de abril de 1992

Pg.: _____



Lideranças abrem o Encontro dos Povos e Organizações Indígenas em Valparaíso e elegem a demarcação de terras como a principal causa da miséria a que estão submetidas as comunidades

Índios exigem maior integração à Eco-92

Valdeci Rodrigues

A participação dos índios na Eco-92 será questionada durante o Encontro de Povos e Organizações Indígenas, que começou ontem, em Brasília. "Por que não estamos participando da organização oficial da conferência do Rio de Janeiro, se somos os únicos cidadãos ecológicos do País?", indagou Nailton Pataxó, membro da Articulação dos Povos Indígenas do Norte e Nordeste, que representa 30 nações distintas em sete estados. Um dos principais organizadores do encontro, Pataxó acredita que a conferência de ecologistas de todo o mundo, em junho, despreza os indígenas porque "só há mata onde há índios".

O Encontro de Povos e Organizações Indígenas vai discutir até o dia 30 os principais problemas do índio brasileiro, como demarcação de suas reservas, mineração em suas terras, tutela do Estado, saúde, educação e cultura. Essas questões serão debatidas por cerca de 400 lideranças indígenas, no Centro de Treinamento Educacional da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, nos arredores de Valparaíso. Os debates servirão para que os índios se posicionem diante da elaboração do novo Estatuto do Índio, que tem três projetos tramitando no Congresso Nacional.

Na abertura do encontro, já se podia observar que a demarcação das terras é o problema número um. Quase todas as faixas expostas no auditório lembravam o tema. O posicionamento dos índios deverá ser conhecido depois do possível consenso entre lideranças que representam 101 povos indígenas, aglutinados em cerca de 40 organizações diferentes. "Já houve vários encontros, mas nenhum reuniu até hoje 400 lideranças", comentou Nailton Pataxó, ressaltando que "tudo que poderá ser resolvido pelo Estatuto do Índio será discutido". Será feita, também, uma avaliação da política oficial adotada até hoje.

Estatuto
Nailton Pataxó coordenou, ontem, a abertura do encontro como o principal apresentador dos grupos indígenas. Ele garantiu que as lideranças reunidas ali conheciam, "parágrafo por parágrafo", os três projetos do estatuto, preparados pelo Governo, pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e pelo Núcleo de Direitos Indígenas (NDI).

"Estamos todos preparados para estudar o que será melhor para o estatuto, que deve ser feito pelos próprios índios e não pelos brancos", disse Pataxó. Ressaltando que os presentes representam indígenas de todas as regiões do País, ele afirmou que depois do encontro as lideranças vão acompanhar a

tramitação das propostas. Uma das críticas mais ouvidas ontem foi a falta de representatividade de vários índios, que negociam sem ter contato com as "bases". "Estamos jogados. Muitos morrendo, sem condições de saúde e educação. A Funai nunca deu atenção a nós", protestou João Kanamari, que veio representar dez aldeias das margens do Rio Juruá, no Amazonas.

Para Kanamari, há muitos índios que moram há muito tempo nas cidades e não conhecem mais a realidade das aldeias. Pataxó concordou, citando o exemplo de Marcos Terena, "que foi criado no mundo branco, mora em Brasília e tem costumes das cidades". Para Pataxó, Terena está descredenciado, não pode mais falar em nome dos índios.

Militares
Orlando Baré, membro da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), disse que o grande problema que enfrentam é a militarização disso, as índias estão sendo prostituídas onde há a presença de militares, principalmente na região do Alto Rio Negro e em Roraima", protestou.

Ele afirmou que a Coiab reclamou da situação ao Comando Militar da Amazônia e que não houve uma resposta satisfatória.

GDF dá ônibus e remédios

As lideranças indígenas instaladas no Centro de Treinamento Educacional da Confederação dos Trabalhadores na Indústria, receberam ajuda do governo do Distrito Federal para realizarem seu encontro em Brasília. Segundo Paulo Maldos, assessor do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), o GDF forneceu ônibus, médicos, enfermeiros e medicamentos. O Cimi, além de ter propostas em tramitação no Congresso Nacional para a elaboração do Estatuto do Índio, está dando apoio ao Encontro de Povos e Organizações Indígenas.

Haverá muitas divergências entre as lideranças até o final do encontro, no entender de Paulo Maldos. Ele diz que das cerca de 180 nações indígenas existentes no Brasil, há as que defendem a liberdade total e as que preferem alguma forma de tutela por parte do Estado. Sem contar as outras questões, igualmente polêmicas entre os próprios índios. "Uns querem que a Funai continue a existir, outros pedem a redefinição da proteção especial dada pelo Estado", exemplificou Maldos.

O próprio Cimi é criticado por alguns índios, como João Kanamari. "O Cimi não nos ajuda em na-



Divergências marcam encontro

da", afirmou. Para António Apuriná, e a Funai que não tem razão de ser. "Ela está falida. Não sei por que ela existe. Seu trabalho é de pouco proveito", disse Apuriná, acusando a Fundação Nacional do Índio de fazer acordos com madeireiras na Amazônia. (V.R.)

Falta de terras causa suicídios

Os índios kaiová-guarani, de Mato Grosso do Sul, que se tornaram nacionalmente conhecidos pela quantidade de suicídios em suas aldeias, enviaram uma delegação de cinco pessoas ao Encontro de Povos e Organizações Indígenas, escolhidas em assembléia. Amilton Lopes, da aldeia Pirakuá, no município de Bela Vista, calculou ontem que 260 kaiová-guarani suicidaram-se de 1990 até a semana passada.

"Sentimos que a questão é que não temos mais felicidade, riqueza para sobreviver. Ficamos aborrecidos também por falta de terras", disse Amilton Lopes, para justificar o grande número de suicídios. Ele afirmou que as vítimas têm entre 13 e 16 anos, mais ou menos divididas entre homens e mulheres. "O mais velho que já vi suicidar-se tinha 22 anos", contou Amilton.

Os kaiová-guarani são denominados assim porque houve miscigenação entre os dois povos. "Houve muitos casamentos entre as duas nações", explicou Amilton Lopes. Ele disse que atualmente formam um grupo de aproximadamente 30 mil pessoas, que têm na demarcação de suas terras a principal dor-de-cabeça. (V.R.)